A IMPORTÂNCIA DA RELAÇÃO DE PAIS, PROFESSOR-ALUNO NA CONSTRUÇÃO DO PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM

EDILENA MARTE SILVEIRA MENEZES

RESUMO

Com o intuito de compreender como a relação de pais, professor e aluno influencia no processo de ensino-aprendizagem, esta pesquisa enfoca-se nesta tal relação, dentro de uma perspectiva práxis transformadora. Para alcançar tal objetivo, pergunta-se: como as relações estabelecidas na atualidade entre a família e a escola constituem fundamentos que interferem no processo de formação educacional dos alunos? Para responder a este questionamento, utiliza-se o recurso tanto da pesquisa bibliográfica quanto da pesquisa prática, ou seja, a observação do cotidiano. Estes instrumentos apontaram que tanto a família quanto a escola acreditam que a relação estabelecida entre ambos é de extrema importância para o processo de ensino- aprendizagem dos alunos, bem como, os alunos também acreditam ser importante tal relação.

PALAVRAS-CHAVES: Relações Humanas; Prática Docente; Ensino-Aprendizagem.

1. INTRODUÇÃO

Observa-se que atualmente vivemos tempos delicados quando tratamos de relações sociais, visto que o processo de globalização insere o homem em um ambiente de alta competitividade e seletividade, contudo, observa-se também, que as relações humanas se constituem em aspectos decisivos para o êxito ou fracasso do ser humano e, na Educação, tal situação não é diferente.

A educação escolar, como uma das mais importantes atividades constituintes do ser humano, passou a dar, então, especial importância a estas relações, haja vista influenciarem na construção de um cidadão pleno e consciente de sua relevância na sociedade.

A escola simboliza um universo no qual interagem vários atores, centralizados nas figuras de pais, alunos e professores, por isso, as formas como esses polos vão conviver assume tanta importância para bem se compreender todas as variantes do processo educacional, bem como afirma REIS (2004) que a escola é um local de trocas. Dessa forma, a relação entre família e escola representa um esforço a mais na busca da praticidade, afetividade e eficiência no preparo do educando para a vida, numa redefinição do processo ensino-aprendizagem.

Atualmente, a família não vem desempenhando tão bem o seu papel, transferindo suas responsabilidades primordiais à escola, exigindo que ela faça o que não acredita ser capaz de fazer. Como consequência disto, as famílias se “desresponsabilizam” pela educação, tornando a escola, cada vez mais paternalista e assistencialista, bem como descreve Souza (1989, p.29):

Quanto mais à escola assume a educação de nossos filhos e quanto mais cedo os acolhe para exercer uma verdadeira tutela, mais nos sentimos amparados e, ao invés de apenas valermos de tal ajuda para

complementar uma boa educação familiar, tendemos a entrega-los inteiramente à responsabilidade dos professores, imaginando recebe-los completamente prontos para se inteirarem na vida em sociedade.

Essa situação exige da escola, principalmente dos professores, um envolvimento com os alunos além do conhecimento acadêmico, uma relação que transforme as relações pedagógicas muito mais prazerosas e constitua no processo de ensino-aprendizagem. Procura-se, portanto, romper as diferenças de professor e aluno consagrados pela escola tradicional. Os papéis tradicionalmente desempenhados pelo professor – ensinar, transmitir e dominar e pelo aluno – aprender, receber passivamente e obedecer devem ser mudados. Só assim a escola poderá efetivamente atender a sua mais elevada finalidade: permitir o aluno a chegar ao conhecimento.

Nesse contexto, a qualidade de atuação da escola não pode depender somente da vontade de um ou outro professor. É preciso à participação conjunta da escola, da família, do aluno e dos profissionais ligados à educação, assim como, o professor deve reorganizar suas ideias e reconhecer que o aluno não é um sujeito que só faz receber informações, suas capacidades vão além do conhecimento que lhes é “depositado”. Para tanto, o professor não mais será o “dono do saber” e passará a ser um orientador, alguém que acompanha.

Como bem destaca CECCON (1998) para que a sociedade possa mudar é preciso que nós provoquemos mudanças de forma significativa para o indivíduo.

Entende-se, portanto, que as escolas devem comparar sua relação com a comunidade e ainda, criar um clima favorável ao aprendizado, onde a contribuição.

Segundo Ackerman (1986, p.17), o momento histórico em que nos encontramos tem alterado a configuração da vida familiar e seus padrões. Família e sociedade foram lançadas em um estado de turbulência, enquanto a máquina cresce muito, à frente da sabedoria do homem sobre si mesmo.

Partindo desta premissa, a presente pesquisa propôs investigar o quanto a relação entre a família e escola pode influenciar no processo de ensino-aprendizagem, observando que esta relação estabelece a formação do indivíduo pleno, que é o aluno. Portanto, as relações humanas serão analisadas bem como a articulação da escola e família.

2. JUSTIFICATIVA

No atual contexto cultural em que se encontra o mundo diante de tantas tecnologias e modernidades, as relações sociais são mais difíceis e complexas, tal estudo é relevante para a compreensão deste problema.

Na escola, estas relações também mudaram e percebe-se que é necessário resgatar tal relação, haja vista ser a base para o desenvolvimento do aluno em um indivíduo pleno., portanto, tal estudo é relevante para a reflexão, compreensão deste problema, bem como a solução para o mesmo.

Cabe salientar então que a educação sendo um processo contínuo deve se concentrar na mudança destas relações, estabelecendo vínculos entre família, professores e alunos com o intuito do desenvolvimento do mesmo.

Mediante isto, a pesquisa, propõe que tais relações sejam refletidas e redirecionadas dentro da escola com o intuito de

que haja uma parcerias na construção da aprendizagem significativa e, sobretudo, do cidadão.

3. OBJETIVOS

O objetivo geral de tal pesquisa visou refletir sobre a influência da relação entre pais, professor e aluno no processo de escolarização dos alunos.

Já os objetivos específicos visaram compreender como as relações estabelecidas entre a família, os professores e os alunos podem contribuir para o processo de ensino-aprendizagem, assim como identificar como cada um dos envolvidos neste processo se vê diante de tal responsabilidade e como cumpri-las.

4. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

No final do século XIX surge nos países industrializados da Europa a escola pública, gratuita e universal, com o objetivo de implantar um sistema de crenças adequado à sociedade industrial.

No Brasil não foi diferente. A escola tornou-se uma necessidade social e um meio de consolidar a classe dominante, a burguesia. O conhecimento deveria ser transmitido por meio da escola e aqueles que se apropriassem de tais conhecimentos estariam aptos a viver em sociedade (Volsi, 2002). A educação escolar tinha deste modo, a função de atender às demandas da sociedade que surgia.

A escola pública foi projetada e expandiu-se como instituição que concorria e ocupava espaços que pertenciam à família e à igreja. Ela representava os valores e os saberes universais. A confiança que a sociedade depositava na educação escolar foi fundamental para a construção da democracia.

Esteves (1999) assinala que a escola e as demais instituições responsáveis pela socialização das crianças coincidem nos valores fundamentais e nos modelos que deveriam ser transmitidos. A escola era uma extensão da família no que dizia respeito à socialização e estilos de vida. A criança passava de uma instituição (família) à outra (escola) e era, assim, formada nos aspectos que fortaleciam a coesão social.

No entanto, durante o século XX, a formação do cidadão baseada nas ideias de democracia e de nação, revelou-se incapaz de gerar uma nova proposta educacional. A ideia de cidadania associada à nação começou a perder significado. Com isso, a função de homogeneização cultural da nação, que era a função que identificava a instituição escolar, entrou num processo de redefinição (Tedesco, 2002).

Com o desenvolvimento das atividades das indústrias que aplicam em tecnologias de ponta, as instituições de nossa organização social, a escola e a família, por exemplo, foram afetadas, sofrendo transformações.

Atualmente, a Lei nº 9394, de 20 de Dezembro de 1996 (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – BRASIL, 1996) determina que a educação escolar deva ser oferecida, predominantemente por meio do ensino em instituições próprias. O artigo 2º da referida lei dispõe o seguinte:

A Educação deve ser da Família e do estado, inspirada nos princípios de liberdade e nos ideais de solidariedade humana, tem por finalidade o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da

cidadania e sua qualificação para o trabalho.

De acordo com este dispositivo legal, a educação escolar é responsável pelo desenvolvimento integral do educando, explicitando a formação para a cidadania e para o mundo do trabalho. O referido artigo prescreve ainda que, a educação é uma responsabilidade da Família, bem como do Estado, também.

No entanto, como todas as instituições de nossa sociedade, a Escola e a Família estão passando por transformações tão profundas que, torna-se cada vez mais difícil identificar os papéis e as responsabilidades específicas de cada uma delas.

4.1 RELAÇÃO ENTRE ESCOLA E FAMÍLIA

A família, sendo à base de uma formação completa do indivíduo, tendo papel decisivo na formação de caráter, deve ter participação direta na educação das crianças. É fundamental que aconteça essa parceria entre escola e família, e que juntos possam alcançar o objetivo em comum, de formar cidadãos que saibam como viverem no mundo atual. Percebe-se que no atual momento em que vive a educação, a falta de envolvimento, participação, apoio e limites das famílias para com as crianças, torna impossível uma educação de qualidade.

Historicamente, até o século XIX, havia uma separação das tarefas da família e da escola: a escola cuidada do que se chamava "instrução", ou seja, a transmissão dos conhecimentos/conteúdos da educação formal e a família se dedicava à educação informal: o que podia-se definir como o ensinamento de valores, atitudes e hábitos. No mundo moderno, a educação passa também a ser objeto de atenção das famílias, que, apesar de ser preocuparem com a qualidade do ensino, transferem à escola competências que deveriam ser suas tão somente. Não veem a escola como segunda etapa da educação, mas criam nela toda a expectativa de que será responsável, a vida toda, pela educação de seus filhos. E, em muitas vezes, esquecem de fazer sua parte (FREITAS,2011,p.20).

Conforme Jardim, (2006) a relação escola e família vêm sendo muito discutida nos últimos tempos. A grande dúvida é saber os limites entre os deveres da família e os da escola. Como se sabe, não é a escola e sim a família que proporciona as primeiras experiências educacionais à criança.

A família é o berço da formação de regras, princípios e valores, outras instituições assim como a escola, possuem também papel muito importante nesta formação moral, a escola se organizando de forma democrática, oportunizando uma vivência cidadã. Dessa forma, promovem o nascimento crescimento do respeito mútuo e o desenvolvimento da autonomia, ingrediente para formação moral (SANDI,2008, p.34).

Conforme descrito nos itens anteriores as mudanças socioeconômicas definiram de forma decisiva a relação entre essas duas instituições.

Conforme o modelo Piagetiano, o vinculo escola-família prevê o respeito mútuo, o que significa tornar paralelos os papéis de pais e professores, para que os pais garantam as possibilidades de explorarem suas opiniões, ouvirem os professores sem receio de serem avaliados, criticados, trocarem pontos de vista. (JARDIM, 2000, p.41)

Definidos os papéis dos pais e professores, deve haver este respeito mútuo entre

ambas as partes, expondo suas opiniões e ouvindo sugestões, de forma respeitosa, para que assim a própria criança também tenha respeito pelo professor e pela escola.

Tal relação implica em colocar-se no lugar um do outro e não apenas enquanto troca de favores, mas "... a cooperação, em seu sentido mais prodigioso: o de supor afetos, permitir as escolhas, os desejos, o desenvolvimento moral, como construção dos próprios sujeitos, um trabalho constante com estruturas lógicas e as relações de confiança". (TOGNETTA, 2003, apud JARDIM, 2006, p.20).

Tendo em vista o momento que vive a educação no país, stress de parte dos professores, despreparo de alguns, desvalorização do profissional, dificuldades de aprendizagem apresentada pelas crianças, violência, e levando em conta o quanto é importante à participação das famílias no processo de aprendizagem, é de grande interesse das escolas que esta interação ocorra, pode-se dizer que é papel da escola promover esta interação, garantindo uma troca de informação e de ideias, orientando as famílias e mostrando o quanto é importante sua participação na educação das crianças.

Baltazar & Moretti (2003), acreditam que a escola, através de seus professores ou diretores pode alertá-las e orientá-las, na tentativa de repensar sua conduta e agir de forma mais coerente com a realidade da criança.

O que torna o professor responsável por se aproximar da realidade do aluno, sair de sua zona de conforto e ser autor das mudanças que são necessárias para que a escola propicie uma educação de qualidade aos alunos.

Conforme Jardim (2006) a realidade é que a maioria dos educadores atribui aos pais à origem dos problemas, e acusam como fator as mudanças na família. Assim entre escola e família ocorre uma confusão de papéis, cobranças para ambas as instituições. O que parece ocorrer uma incapacidade de compreensão por parte dos pais a respeito daquilo que é transmitido pela escola e por o outro, uma falta de habilidade dos professores em promover comunicação.

De acordo com Regis de Morais (1989), para que ocorra o aprendizado é preciso uma parceria entre o educador, uma participação efetiva das famílias na vida escolar da criança, "o ensina-te e ensinando, respeitando os limites de cada um e sua privacidade." O mundo, a sociedade, também educa, nós somos marcados por eles, e podemos aprender a todo o momento. É preciso a participação da família nesse aprendizado, a qual já se deu inicio a socialização.

4.2 SEPARANDO OS PAPÉIS

Apesar de ambas as instituições terem papel importantíssimo no crescimento e desenvolvimento das crianças, devemos saber que cada uma possui o seu próprio papel nesse processo de educá-las, daí a importância se ter uma boa relação entre ambas as partes, com as duas instituições cumprido seus papéis, tanto escola quanto família terão maiores chances de fazerem o que devem fazer, cumprir seus papéis.

Destaco que o papel da família na formação e nas aprendizagens das crianças e jovens é impar. Nenhuma escola por melhor que seja, consegue substituir a família. Por outro lado, destaco também que a função de escola na vida da criança é igualmente im-

par. Mesmo que as famílias se esmerem em serem educadoras, o aspecto socializador do conhecimento e das relações não é adequadamente contemplado em ambientes domésticos. (PAROLIN, 2008, p.01).

De uma maneira geral, sobre o fundamental e insubstituível papel da família na educação da criança, afirma Nérici (1972, pg. 12) “A educação deve orientar a formação do homem para ele poder ser o que é da melhor forma possível.”

Percebe-se assim que a ação educativa tem influência da família, essa influência, no entanto é básica e fundamental no processo de educar a criança, nenhuma outra instituição possui condições de substituir.

Os professores que sempre se colocaram em suas salas de aula, como meros transmissores de seus conhecimentos, hoje deparam com uma realidade onde apenas transmitir tais conhecimentos não basta, é preciso ir além das salas de aulas e em muitos casos fazer o papel dos familiares, na transmissão de valores e princípios, o que faz de educar realmente mais que um mero ganha pão, mas um ato de amor, como disse Paulo freire.

Os métodos de ensinos dos professores também precisam ser revistos, as verdades que acreditam serem absolutas hoje podem não serem mais verdades, as crianças que eram receptoras passivas de todo conhecimento transmitido pelos professores hoje com acesso a outras formas de transmissão de conhecimento, assistem as aulas com uma visão mais critica desses conhecimentos transmitidos, esse não pode mais ser o único papel do professor, que deve sim, agir como intermediário e com interdisciplinaridade, deve ser polivalente.

Sabemos que muito tem sido transferido da família para a escola, funções que eram das famílias: educação sexual, definição política, formação religiosa, caratê, dança, entre outros. Com isso a escola vai abandonando seu foco, e a família perde a função.

Além disso, a escola não deve ser só um lugar de aprendizagem, mas também um campo de ação no qual haverá continuidade da vida afetiva. A escola poderá desempenhar o papel de parceira na formação de um indivíduo inteiro sadio. É na escola que deve se conscientizar a respeito dos problemas do planeta: destruição do meio ambiente, desvalorização de grupos menos favorecidos economicamente, etc. Deve-se falar sobre amizade, sobre a importância do grupo social, sobre questões afetivas (SUTTER, 2007, p.01).

A escola contemporânea tem funções que a obriga, ir além das salas de aula, ter contato com a realidade de seus alunos e enxergá-los de maneira afetuosa, não apenas como meros números de certa estatística, mas como indivíduos que necessitam de seu apoio.

5. METODOLOGIA

Para realizar esta pesquisa foi utilizada a pesquisa bibliográfica com livros, artigos, jornais, revistas e relatórios, bem como a observação.

6. DISCUSSÃO

A atual educação exige da família, bem como dos professores e dos alunos participação mais ativa no processo de ensino-aprendizagem, desenvolvendo novas relações pedagógicas, realidade esta que permeou este

projeto. Além disto, o projeto ainda aborda a qualidade das relações estabelecidas no interior das práticas escolares, tendo em vista o processo de ensino- aprendizagem. Daí a importância desta proposta de pesquisa ao tentar identificar os elementos que permeiam a relação estabelecida entre a família, a escola e o aluno, com vistas à educação.

Nesta pesquisa foi observado que pais, professores e alunos concordam que é importante a relação entre todos para o processo de ensino-aprendizagem, embora, nem sempre cumpram seu papel com responsabilidade, nem sempre fazem parte do processo educativo a fim de que a aprendizagem seja contextualizada, significativa e eficaz, como deveriam.

Althuon (1999, p.50) defende a ideia de que "Os pais não podem delegar responsabilidade única e exclusivamente para a escola, e a escola não pode eximir-se de ser corresponsável no processo formativo do aluno."

Cabe salientar ainda que, a relação defendida nesta pesquisa deve ser mais discutida, a fim de que todos os envolvidos no processo possam assumir a responsabilidade que lhes é devida.

À escola cabe a responsabilidade de criar estratégias de aproximação entre escola-família; à família, a responsabilidade de repensar sua postura e modificá-la frente à participação na vida escolar dos alunos; e, aos alunos, a responsabilidade de estudarem, se relacionarem bem com os colegas e professores, além de manterem os pais informados das atividades escolares. Somente desta maneira, o processo escolar poderá ser desenvolvido eficientemente levando à formação do cidadão.

Referente à articulação escola-família, observou-se que, embora a escola ofereça algumas oportunidades de participação, elas são ínfimas diante de sua importância em todo o processo. Na realidade, a escola precisa dinamizar tal relação para que os pais participem além das reuniões de pais e visitas às exposições escolares, visto que eles devem participar significativamente no processo como responsáveis, também, pela aprendizagem, como ressalta Althuon (1999, p.50), "Passam a ser parceiros da escola e deixam de ser menos espectadores. Passam a ser coadjuvantes, como responsáveis e não delegam à escola a responsabilidade solitária de encaminhamento e da solução das dificuldades".

Szymanski (2001, p.61) também defende a ideia de que as duas instituições prepararam os jovens para a sua inserção na sociedade e para o desempenho de funções que possibilitem a continuidade da vida social.

Por outro lado, nota-se que os pais estão muito mais preocupados em oferecer o conforto aos filhos do que acompanhar seus estudos. Esta situação leva à ausência da vida escolar dos alunos e a pouca interação com o que acontece no processo de aprendizagem deles. Eles acabam transferindo sua responsabilidade para a escola.

Portanto, os pais precisam desempenhar sua função diante da aprendizagem dos filhos, contribuindo e auxiliando os professores no processo de ensino-aprendizagem, haja vista a escola não dar conta sozinha dos futuros cidadãos.

Quanto a isto, Szymanski (2001, p.75) afirma que "Uma condição importante nas relações entre família e escola, é a criação de

um clima de respeito mútuo (...) tendo claramente delimitado os âmbitos de atuação de cada um."

Cabe ressaltar ainda que, uma parceria entre escola e família significa reconhecer a família com sua estrutura, respeitando-a sem preconceito, mas, sobretudo, a família também reconhecer que a escola aperfeiçoa o aprendizado do aluno para que ele viva em sociedade. Cada instituição deve ser conhecedora de sua responsabilidade e colocá-la em prática em prol do aprendizado efetivo do indivíduo.

Logo, conclui-se que, a escola e a família vivem uma relação de complementação, onde uma depende da outra para que haja o pleno desenvolvimento do educando em seus múltiplos aspectos: cognitivos, éticos, emocionais, culturais, políticos, entre outros, e, por isto, a relação entre elas deve ser de responsabilidade e respeito mútuo.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante dos desafios da atualidade, em que os avanços sociais, científicos e tecnológicos são privilegiados em detrimento das relações, a busca incessante para reverter tal fato é urgente, visto que a situação atinge, especialmente, os modos de produção e aquisição dos conhecimentos, o modo dos alunos desenvolverem suas habilidades e competências.

Destarte, este trabalho de pesquisa de campo sobre como a relação família- professor-aluno influencia no processo de ensino-aprendizagem não tem a pretensão de apresentar respostas definitivas para a questão que se propôs a pesquisar. Reconhece-se que para obter uma real resposta sobre a problemática apresentada aqui, ainda há um longo percurso a ser trilhado, principalmente em relação à mudança de comportamento de todos os envolvidos em tal processo.

O que se pretende, realmente, é que haja uma reflexão sobre tal influência no processo de aprendizagem, haja vista ser importantíssima neste desafio em que todos os envolvidos objetivam o mesmo.

É necessário ainda, além da reflexão que a escola e a família busquem cada vez mais uma relação de parceria com compromisso a fim de superar as dificuldades existentes nessa relação. A escola deve desenvolver estratégias que aproximem os pais num clima de cooperação e de respeito mútuo. Os professores necessitam ter uma participação ativa, autônoma, com discernimento frente às práticas pedagógicas e curriculares que interfiram na construção desconhecimento e do cidadão. Já a família deve superar as dificuldades sociais e exercer a função de acompanhar a vida escolar de seus filhos, imposta legalmente mas, sobretudo, moralmente a ela.

Enfim, conclui-se que esta relação família-professores-alunos, deve ser uma relação dialógica, crítica e libertadora, onde os pais participam ativamente do processo de aprendizagem, enquanto a escola rompe barreiras para alcançar os seus objetivos de formar o cidadão pleno, conhecedor de seu direitos e deveres.

8. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ACKERMAN, N. W. Diagnóstico e tratamento das relações familiares. Porto Alegre: Artes Médicas, 1986.

ALTHUON, Beate. Família e Escola:

Uma parceria possível? Revista Pedagógica PATIO: Comunidade e Escola – A Integração Necessária. Porto Alegre: ARTIMED, 1999, ano 3 nº 10, p.49-51.

BALABAN, Alessandra. “Pais presente, pais ausente: conflito constante”. Publicado em 27/05/08.

BRASIL, Ministério da Educação. INEP. Educar é uma tarefa de todos nós. Um guia para a família participar, no dia-a-dia, da educação de nossas crianças. Brasília: Secretaria de Ensino Fundamental, Assessoria Nacional do Programa Parâmetros em Ação, 2002.

BRASIL. Presidência da República. Lei nº 9.394 de 20 de Dezembro de 1996: Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília, Diário Oficial da União, 21 de dezembro de 1996.

ESTEVE, J. M. O mal-estar docente: a sala de aula e a saúde dos professores. Bauru: EDUSC,1999.

FREIRE, M. F. Q. de. Docência, vida cotidiana e mundo contemporâneo: que identidades e que estratégias de sobrevivência psicossocial estão sendo construídas? Educar em Revista (UFPR), n. 1, especial, 2003, p. 137-150 36

FREITAS, Ivete Abbade. Família e Escola: A Parceria Necessária na Educação Infantil. Presidente Prudente: Unoeste, 2006.

JARDIM, Ana Paula. Relação entre Família Escola: proposta de Ação no Processo Ensino – Aprendizagem.

MORAIS, Regis de. Cultura Brasileira e Educação. Campinas, São Paulo, Papirus,1989. MORETTI, L. H. T.; BALTAZAR, J. A.; BALTHAZAR, M. C.; et al. Contexto familiar, desenvolvimento infantil e saúde mental. Pôster. VII Congresso Brasileiro de Saúde Coletiva. Resumos, p.839. Brasília, 1/8/2003.

NÉRICI, Imídeo G. Lar, escola e educação. São Paulo: Atlas, 1972.

PAROLIN, Isabel. Relação Família e Escola: Revista atividades e experiências. Positivo, 2008

REIS, Maria Paula Ivens Ferraz Colares Pereira. A relação entre pais e professores: Uma construção de proximidade para uma escola de sucesso.

RIBEIRO, L. C. – Avaliação da aprendizagem. Lisboa: Texto editora, 1990 ROCHA, R. Minidicionário da Língua Portuguesa. São Paulo: Scipione, 2005.

SEAGOE, May Violet. O processo de aprendizagem e a prática escolar. 2 ed. Vol. 107. SP: Companhia Editora nacional, 1978.

SOUZA. E.K. de. Adaptação escolar na educação infantil. Santo Ângelo: EDURI, 2004. SUTTER, Graziela. Refletindo sobre a relação famíliae scola, 2007, disponível em http://www.webartigos.com/artigos/refletindo-sobre-a-relacao-familia-escola/926/. Acessado dia 23/07/2014.

Szymanski, H. A relação família-escola: Desafios e perspectivas. Brasília: Plano, 2001. TEDESCO, J. C. O novo pacto educativo: educação, competitividade e cidadania na sociedade moderna. São Paulo: Ática, 2002.

TOGNETTA, L. R. P. A construção da solidariedade e a educação do sentimento na escola: uma proposta de trabalho com as virtudes numa visão construtivista. Campinas: Mercado de Letras, 2003.